

**A PSICOLOGIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NAS DÉCADAS 10 E 20:
PARTICULARIDADES HISTÓRICAS, INTERLOCUTORES E CAMPOS DE
DIÁLOGO.**

Rosane Barbosa Marendino

Bolsista CNPq

PPMIE

7 - Cultura, Linguagens e Arte

Estudos proporcionados pela historiografia dos intelectuais brasileiros no campo da educação - sobretudo nas noções trazidas por Georg Simmel (1983) e Jean-François Sirinelli (1996) acerca das “redes de sociabilidade”- despontaram o interesse na compreensão entre as relações e interlocuções formadas nos diversos campos referentes à formação de professores, mantendo como crucial a idéia de “herança” a qual os intelectuais se vêem como legatários e que repercutirá, sobretudo, nos estilos de pensar ou de atuar politicamente. Seguindo tal proposta, esta pesquisa buscou refletir, mais especificamente, sobre a psicologia e a formação de professores entre os anos de 1910 a 1930, momento esse em que o movimento escolanovista ganhava corpo na conjuntura histórica brasileira. Pontos de interesse viriam a identificar Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Noemy da Silveira Rudolfer, Helena Antipoff, Antonio de Sampaio Dória, Ulisses Pernambuco, Isaías Alves de Almeida, Henry Pierón, dentre outros que foram afiliando-se ao grupo, formando uma rede que, dentre várias questões, também discutia a introdução da psicologia na educação e na formação de professores. O que percebemos, sobretudo pelas noções de sociabilidade, é que uma estrutura social se formava, marcada e influenciada pelos pensamentos destes intelectuais. Partimos, portanto, das seguintes questões: De que forma pode-se compreender as relações sociais e de poder que se estabeleceram em meio às questões históricas tecidas entre psicologia, pedagogia e formação de professores no pensamento inicial da Escola Nova no Brasil? Quais foram os intelectuais e campos que dialogaram entre si no momento em que a psicologia educacional surge no país e de que maneira essas interlocuções se deram? Qual foi a tarefa e o compromisso destes intelectuais no estabelecimento dos saberes psicológicos como componentes do quadro educacional brasileiro? Mesmo sem pretendemos

esgotar tais perguntas, consideramos importante suscitar-las, repensá-las e, sobretudo, refletir quanto à forma como temos dialogado com elas em nosso tempo. Não foi nossa intenção tratarmos apenas dos aspectos instituídos ou da memória linear sobre a constituição da psicologia no campo da formação educacional, mas, de dialogarmos com a historiografia na construção de uma possível compreensão dessas relações, das lutas e das alianças traçadas no âmbito instituinte, filosófico, político, micro-político e que foram marcando os vínculos entre os campos (R. Chartier, 1990). Sendo assim, buscamos - através de fontes várias como registros, textos, documentos, informações e dados biográficos – guiar-nos pelos caminhos percorridos pela psicologia durante as décadas apontadas, período este no qual ela se impôs diante do cenário educacional. Além disso, procuramos analisar as redes pelas quais tais fontes circularam e os “microcosmos” que produziram - e pelos quais também foram produzidas – sem perder de vista o ideário manifesto do movimento escolanovista tão fortemente marcado naquele momento. Concluímos afirmando que é preciso pensar sobre história e identidade, confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e perceber que o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, a memória, que atravessa a história e que a alimenta (J. Le Goff, 2006). Mais do que examinar um período estanque, o que este trabalho buscou, ainda que brevemente, foi compreender uma época – e nela um evento (o surgimento da psicologia no cenário da educação) – que traçou subjetividades, redes, acordos, desacordos, afinidades, complexidades e ritmos. Época que trouxe personagens à cena: intelectuais, professores, filósofos, pensadores, psicólogos construindo “afinidades eletivas” (M. Chaves, 1999) e “redes de sociabilidades” com o objetivo de pensar o papel da psicologia na educação. Tratou-se, aqui, de propor uma investigação histórica deste percurso, sem a pretensão de fazê-lo através de esquemas explicativos ou modelos generalizantes, mas sim através de um enfoque que permitisse, ao menos, perceber a multiplicidade de fenômenos que envolvem uma determinada experiência.

Palavras-chaves: ensino de psicologia / formação de professores / intelectuais brasileiros

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHAVES, Miriam Wainfeld. A afinidade eletiva entre Anísio Teixeira e John Dewey. **Revista Brasileira de Educação**, nº 11, 1999.

- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DÍEFEL, 1990.
- CAMPOS, Regina Helena Freitas de. *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil*. RJ: Imago, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. SP: Editora da Unicamp, 2006.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Georg Simmel – Sociologia*. SP: Ática, 1983.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. RJ: Ed. UFRJ/FGV, 1996, p. 231-269.